

# I

## HISTÓRIA DA TÉCNICA

*Partindo dos descobrimentos de Freud e em especial do primeiro caso de uma neurose infantil curada por ele, mostra-se como Sophie Morgenstein, Anna Freud e Melanie Klein buscaram a forma de aplicar a psicanálise ao tratamento das crianças. Expõem-se as diferenças técnicas que desde o começo e até a atualidade mantêm as escolas criadas por Anna Freud e Melanie Klein e a influência que tiveram no desenvolvimento da psicanálise de crianças na Argentina.*



# 1

## Análise da fobia de uma criança de cinco anos

Com a publicação deste caso, Freud<sup>1</sup> fixou as bases para a compreensão da linguagem pré-verbal e para a utilização da interpretação na análise de crianças, mas não para o uso da transferência como instrumento técnico. Isto se deve, em parte, à forma como foi realizado o tratamento e também porque na época não estivesse valorizado ainda o vínculo com o terapeuta nos tratamentos de adultos.

Para compreender como nasceu a psicanálise de crianças, precisamos nos voltar à época dos primeiros descobrimentos de Freud sobre a cura da neurose do adulto. A primeira vez que falou de psicanálise como um método terapêutico próprio foi em 1896, quando, ao descobrir o valor da associação livre, pôde abandonar a hipnose e a sugestão, técnicas que usara até aquele momento para a investigação e cura da histeria.<sup>2</sup>

O fato de que muitos dos seus pacientes continuassem falando livremente sem hipnose ou sugestão e pudessem, pelas cadeias associativas, chegar à recordação de traumas infantis, mostrou-lhe a importância da associação livre, que a seguir utilizou metodicamente na investigação e cura de seus pacientes.

Nada mais ilustrativo para compreender a evolução da técnica de Freud que a leitura dos seus primeiros casos.<sup>3</sup> Seu novo e grande descobrimento foi compreender e valorizar como instrumento técnico o vínculo que se criava entre o paciente e o terapeuta, que denominou *transferência*. Descobriu que esta tinha suas raízes na mais remota infância e que o paciente revivia com o terapeuta suas primeiras relações de

---

1 FREUD, Sigmund. "Análisis de la fobia de un niño de cinco años", tomo XV, *Historiales clínicos. Obras completas*. Ed. Americana, Buenos Aires, 1943.

2 JONES, Ernest. *Vida y obra de Sigmund Freud*, tomo I, p.296. Editorial Nova, Buenos Aires, 1959.

3 FREUD, Sigmund. *Historiales clínicos*, tomo X, "La histeria", p.27.

objeto, sendo imprescindível interpretar estas reações transferenciais, positivas e negativas, como repetições daquelas situações pretérias.<sup>4</sup>

O valor terapêutico da interpretação foi compreendido por Freud desde o primeiro momento, quando comprovou que, comunicando seus descobrimentos em momento oportuno ao paciente, conseguia que este tornasse consciente o que até então estava reprimindo. Associação livre, transferência e interpretação foram os três pilares da técnica de Freud para fazer consciente o inconsciente.

A teoria traumática das neuroses havia levado Freud à convicção da importância da sexualidade infantil e a formular um ensaio sobre sua evolução,<sup>5</sup> mas faltava-lhe a experiência da observação direta de uma criança que permitisse a confirmação de seus descobrimentos sobre a evolução sexual. O tratamento de uma histeria infantil permitiria amplamente esta corroboração. Freud havia postulado a existência do complexo de Édipo e a observação de uma criança também confirmaria sua importância, enquanto estava acontecendo, na eclosão da neurose.

Em 1905 tentou, pela primeira vez, aplicar este método à cura de uma neurose infantil; tratava-se de uma zoofobia de um menino de cinco anos. O caso deste menino – Joãozinho – corroborou efetivamente o que havia afirmado até aquele momento sobre a sexualidade infantil e sobre a importância do complexo de Édipo; abriu, além disso, o caminho para a interpretação da linguagem pré-verbal, o que significou uma ajuda fundamental para a compreensão das fobias. Deste ponto de vista nem Freud nem os seus sucessores puderam prever os alcances de seu descobrimento. Tem sido necessária, para valorizá-la, a sua confrontação diária com as experiências dos psicanalistas de crianças. Um dos muitos valores deste caso foi mostrar a repercussão que tiveram as situações traumáticas no desenvolvimento do menino, como se expressaram durante o tratamento e como evoluíram até chegar à cura.

O pai de Joãozinho havia transmitido a Freud sua observação sobre as manifestações de curiosidade e atividades sexuais de seu filho, podendo assim ser confirmados seus descobrimentos sobre a sexualidade infantil. Nesta correspondência – que Freud transcreve na primeira parte do caso – estão consignados os mais importantes dados que permitiram compreender o aparecimento da fobia e a eleição do animal objeto de seu medo.

“O presente caso clínico de um paciente infantil – disse Freud – não constitui em rigor uma observação direta minha. Dirigi, evidentemente, em conjunto o plano de tratamento, e, inclusive, intervim uma vez nele pessoalmente, mantendo uma conversa com a criança. Mas, quem levou em frente o tratamento foi o pai do enfermo, ao qual devo expressar aqui meu agradecimento por ter colocado à minha disposição suas anotações, autorizando-me a publicá-las.”

“Unicamente a união da autoridade paterna e a autoridade médica em uma só pessoa e a coincidência do interesse familiar com o interesse científico tornaram pos-

4 FREUD, Sigmund. “Más allá del principio del placer”, tomo II, *Una teoría sexual y otros ensayos*, p.275.

5 FREUD, Sigmund. “Una teoría sexual”, tomo II, *Una teoría sexual y otros ensayos*, p.7.

sível dar ao método analítico uma utilização que teria sido inadequada em outras condições.”<sup>6</sup>

Freud intuiu duas coisas: 1) que o que dá eficácia à interpretação da transferência é a união da figura do terapeuta com o objeto originário; e 2) que a terapia e a investigação são inseparáveis em psicanálise.

Divide o caso em três partes: na primeira, relata as observações que o pai realizou, buscando corroborar, na observação direta de uma criança, o que Freud havia exposto sobre a sexualidade infantil; na segunda, expõe a evolução da enfermidade e do tratamento e, na parte final, intitulada por ele *Epicrise*, propõe-se a: 1) comprovar até onde este caso confirma seus pontos de vista sobre a sexualidade infantil; 2) determinar os novos descobrimentos para a compreensão das fobias; e 3) extrair desta experiência esclarecimentos sobre a vida anímica da criança e conclusões para a sua adequada orientação.

Joãozinho, até o aparecimento da fobia, parece ter sido uma criança que se desenvolveu normalmente. Seus pais o descrevem como uma criança alegre, em boas relações com o seu meio ambiente, que brinca bem e que desfruta do jogo. Não fazem referência a enfermidades nem a dificuldades durante o desenvolvimento que supusessem algum conflito não resolvido.<sup>7</sup>

Os dados que nos dá Freud sobre o paciente resultam, hoje, incompletos; nada sabemos sobre a gravidez, o parto, a lactância e suas primeiras aquisições de linguagem e de motricidade. Podemos deduzir, pela atitude ulterior da mãe – usando os nossos conhecimentos atuais – que o controle de esfíncteres foi severo, porque o menino padecia de constipação persistente, que foi tratada com enemas e laxantes. Dá-nos, por outro lado, um detalhado quadro de seus traumas genitais, que veremos e valorizaremos mais adiante.

“As primeiras observações sobre Joãozinho datam da época em que não tinha feito ainda três anos. Manifestava, então, dúvidas e perguntas, vivo interesse por uma certa parte de seu corpo, a qual chamava ‘a coisinha de fazer pipi’.”<sup>8</sup>

A curiosidade pelos genitais é satisfeita, também, na sua observação de animais: “Aproximadamente na mesma época (aos três anos e meio), levado um dia diante da jaula dos leões em Schönbrunn, Joãozinho exclama alvoroçado: ‘Vi a coisinha dos leões’.”<sup>9</sup>

Freud acrescenta: “Os animais devem grande parte da significação que alcançaram em fábulas e mitos à naturalidade com que mostram às criaturas humanas, penetradas de ávida curiosidade, seus órgãos genitais e funções sexuais”.<sup>10</sup>

6 FREUD, Sigmund. “Análisis de la fobia de un niño de cinco años”, tomo XV, *Historiales clínicos*, p. 145.

7 Excluindo a constipação e a amigdalectomia, que não foram valorizados por Freud e nem pelos pais.

8 FREUD, Sigmund. “Análisis de la fobia de un niño de cinco años”, tomo XV, *Historiales clínicos*, p. 146.

9 FREUD, Sigmund. *Idem*, p. 148.

10 FREUD, Sigmund. *Idem*, p. 148.

Mas sua grande curiosidade faz de Joãozinho um investigador também do inanimado: “Um dia, aos três anos e nove meses, vê desaguar a caldeira de uma locomotiva e diz: ‘Olha a locomotiva está fazendo pipi. Onde tem a coisinha?’”<sup>11</sup>

Seu interesse não é exclusivamente teórico, estimulando-o também a contatos e atividades masturbatórias que angustiam a sua mãe, a qual o ameaça, dizendo que o médico lhe cortaria os genitais caso continuasse tocando-os. Esta ameaça será um dos desencadeantes da enfermidade, tal como se verá através do desenrolar do caso.

Freud considera que o nascimento da irmã foi também traumático para Joãozinho, mas relendo o caso e estudando-o à luz dos conhecimentos atuais, compreendemos que não foi o fato em si que perturbou Joãozinho, senão os enganos e as falsificações da verdade que rodearam o acontecimento e tudo o que se referia à vida sexual, mentiras que contradiziam tudo quanto ele observava. Deram-lhe a versão da cegonha, mas também o levaram ao quarto da mãe, no qual viu rastros de sangue e da atividade do médico, fatos que razoavelmente ligou com o parto, criando-se nele uma grande confusão.

Sua capacidade de observação e sua preocupação por unir o que observava com as versões que seus pais lhe davam sobre os mesmos fatos, assim como a confusão que isto lhe criou, são muito evidentes no relato que faz Joãozinho do dia do nascimento da irmã. Quando vê a maleta do médico, diz: “Hoje vem a cegonha”. Depois do parto, Joãozinho escuta que a parteira pede uma taça de chá e diz: “Mamãe tosse e por isso lhe dão chá”, e ao entrar no quarto da mãe, em vez de olhá-la, contempla uma bacia meio cheia ainda de água ensangüentada e diz admirado: “Eu não ponho sangue pela coisinha”.

“Todas as suas palavras demonstram – diz Freud – que relaciona com a cegonha essa situação fora do comum. Observa tudo com ar desconfiado. Indubitavelmente se confirmou nele a primeira desconfiança contra a história da cegonha.”<sup>12</sup> Quando nasce a irmã, suas observações se vêem perturbadas pela mentira da mãe, que lhe afirmara que ela também tinha um genital masculino. É por isso que Joãozinho, ainda que observe que sua irmã é diferente dele, se empenha em negá-lo e diz: “Tem uma coisinha muito pequenininha”.

Foram também importantes os traumas sofridos no seu próprio corpo, enemas e laxantes que viveu como esvaziamento violento, reforçando o temor a que também pudesse cumprir-se a ameaça de castração. “Fez observar que a criança de peito tinha que sentir já o ato de lhe ser retirado o seio materno, ao terminar cada uma de suas mamadas, como uma castração, isto é, como a perda de uma parte importante de seu próprio corpo. Igual sensação despertaria nele o ato regular da defecação.”<sup>13</sup>

O caso assinala abundantes traumas genitais: 1) a mãe o proibia de masturbar-se e como esta proibição foi inútil, ameaçou levá-lo ao médico, para que este cortasse os genitais; 2) descreveu-lhe de forma inexata a diferença de sexos, dando-lhe

11 FREUD, Sigmund. Idem, p. 148.

12 FREUD, Sigmund. Idem, p. 150.

13 FREUD, Sigmund. Idem, p. 148.

segurança de que os genitais femininos eram como os masculinos; 3) quando ficou grávida e teve a filha, deram a Joãozinho a conhecida versão da cegonha, mas ao mesmo tempo o levaram ao quarto da mãe, onde ele viu a maleta do médico e uma bacia com sangue, que ele vinculou ao parto; e 4) dormia com seus pais até o momento de nascer a irmã.

Conhecendo a forma como expressou Joãozinho sua curiosidade sexual, as características da sua masturbação e as reações dos pais, valorizamos mais facilmente todos os acontecimentos relacionados com o nascimento da irmã e o porquê de sua força traumática.

Freud, na primeira parte do relato, apresenta também as tentativas de Joãozinho para levar a outros objetos os afetos até então concentrados nos pais e na irmã, analisando o significado dos jogos exibicionistas com seus amigos e os sonhos nos quais elabora as excitações do dia.

Ao estudar a evolução do sintoma, assinala insistentemente que, antes do aparecimento da fobia, Joãozinho teve crises de ansiedade e que aos 4 anos e 8 meses teve um sonho de angústia, onde expressava o medo de ser abandonado pela mãe.

Os primeiros sintomas da fobia – que condenaram Joãozinho a não poder sair de sua casa, pois temia encontrar-se com um cavalo – apareceram pouco depois.

Dois acontecimentos estão, desde o princípio, ligados à fobia: 1) o medo que sentiu quando viu um cavalo cair, resfolegar e espernear; e 2) o temor a ser mordido pelo cavalo. Quando o pai lhe interpreta que existe uma relação entre este medo e a sua curiosidade sexual, produz-se uma intensificação da angústia. Diz Joãozinho: “Não tenho mais remédio; olho para os cavalos e logo me dá medo”.<sup>14</sup>

Nesta época Joãozinho adoece, e deve permanecer na cama por quinze dias, com uma forte gripe. Penso que esta enfermidade foi conseqüência das angústias antes mencionadas. À gripe segue uma amigdalectomia, com a qual a fobia se intensifica muito. Embora Freud não tenha valorizado a amigdalectomia como um dos fatores desencadeantes da enfermidade, hoje temos que considerar seu valor, sobretudo se pensarmos que a boca teve um papel muito importante nesta fobia e que Joãozinho dizia freqüentemente que os cavalos brancos mordem: “Quando a gente passa os dedos na frente deles, eles mordem”.

Trataremos de analisar cada um dos detalhes do seu medo – o espernear, o ser mordido, a queda e as características do cavalo temido – e de expor não somente as motivações que Freud assinala, mas também as que hoje em dia valorizaríamos.

Joãozinho costumava ver sua mãe quando defecava e este fato – segundo Freud – contribuiu a que equiparasse com tanta insistência o processo do parto com o da evacuação e representasse aquele como a queda da matéria fecal no urinol. O espernear dos cavalos, que temia tanto, era similar ao que, conforme seus pais, realizava Joãozinho quando lhe impuseram o controle de esfíncteres.

---

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund. *Idem*, p. 168.

O cavalo teve papel importante nos jogos prévios ao sintoma, nos quais ele brincava de ser cavalo com as outras crianças, brincando também com o pai. A brincadeira dos cavalos com as crianças foi contemporânea ao urinar exibindo-se, realizada também com os mesmos amigos. Nesta época a gravidez da mãe aumentou sua curiosidade sexual e também a masturbação, e a mãe não só o ameaçou de cortar-lhe os genitais, como também, mais tarde, propôs que ele se deitasse com as mãos atadas, para que não se masturbasse.

Com todos estes antecedentes, compreendemos que a amigdalectomia deve ter sido vivida por ele como a efetivação da ameaça materna, intensificando-se a angústia de castração pelo deslocamento do genital ao oral. Se de sua garganta podia amputar-se uma parte, era possível que o mesmo acontecesse com seus genitais. Não podemos esquecer que a mãe atribuiu ao médico o poder de efetivar a ameaça de castração e que a operação foi realizada pelo possível executor desta ameaça.

A conseqüente equiparação da boca com a vagina, conforme se viu acima, fez com que o temor ao cavalo se centralizasse no fato de que este podia morder, em especial os dedos. A masturbação ficaria assim impedida, por falta do instrumento que a efetuasse, as mãos, como quando ameaçaram com atá-las.

A característica do cavalo temido era a de ser branco e penso que este detalhe pôde originar-se no avental do médico durante a operação. O significado traumático da amigdalectomia escapou à compreensão de Freud e talvez por isso não tenha conseguido explicar alguns detalhes da fobia: a cor branca do cavalo, o significado da boca e do buçal.

Serei agora forçada a repetir fragmentos do caso, porque quero evidenciar os descobrimentos técnicos que me parecem fundamentais.

Muito cedo, desde os três anos, manifestou curiosidade pelos próprios genitais, pelos das outras pessoas e também pelos dos animais. Esta curiosidade acompanhou-se de frequente masturbação, que a mãe tratou de impedir ameaçando levá-lo ao médico, para que este lhe cortasse “a coisinha”; em outra oportunidade, vestindo-o para dormir com uma espécie de camisolão cujas mangas, ao serem atadas, impediam-lhe o livre uso das mãos.

Esta ameaça de castração e a repressão da atividade masturbatória ocorreram quando Joãozinho tinha três anos e meio, antes do aparecimento da fobia e coincidindo com a gravidez da mãe.

No verão anterior à eclosão da fobia – período em que a mãe estava grávida – aparecem os primeiros sinais de ansiedade: sofre depressões, tem crises de angústia, nas quais expressa medo de perder a mãe e quando vai passear com a babá, pede para voltar à casa, temendo não encontrar a mãe.

Este sintoma se faz mais incompreensível aos pais quando, embora saindo acompanhado da mãe, quer interromper os passeios, tem crises de angústia e deseja voltar para casa. Aos quatro anos tem um sonho de angústia que anuncia o aparecimento da enfermidade, no qual expressa seu medo de que a mãe o abandone.

Aos poucos meses deste sonho aparece o temor de ser mordido por um cavalo, temor cujas características se vão definindo nos sucessivos deslocamentos a deta-



lhes, que, em sua última forma, consiste não só no temor aos cavalos fora da casa, mas também dentro dela, pois tem a idéia de que o cavalo pode entrar em seu quarto.

Quando aparece em Joãozinho o temor de ser mordido por um cavalo, o pai, orientado por Freud, intervém como terapeuta e interpreta-lhe que a angústia e o medo que sente são uma consequência da masturbação, levando-o a abandoná-la. A ameaça de castração é assim reforçada, determinando novos aspectos da neurose de Joãozinho.

Uma pequena melhora obtida com esta interpretação desaparece em seguida, dando lugar a uma forte gripe, seguida pela amigdalectomia.

Joãozinho conversa com seu pai sobre as características do medo, sabendo que seus relatos serão transmitidos a Freud, como também as associações que surgem espontaneamente sobre cada detalhe dos seus jogos, fantasias e sonhos, e que a finalidade desta correspondência é curá-lo de seus medos. O pai às vezes interpretava este material – baseando-se no que conhecia de psicanálise e da vida de Joãozinho – e as interpretações eram aprovadas, ampliadas ou modificadas por Freud. Em muitos outros casos, escapava-lhe o significado latente deste material e Freud o orientava sobre a linha interpretativa a seguir. É difícil de compreender como durante tantos anos se afirmasse que a criança, diferentemente do adulto, não sabe que está enferma nem deseja curar-se, já que nesta primeira análise foi tão evidente que o menino sofria pelo sintoma e colaborava com o tratamento.<sup>15</sup>

Na medida em que Joãozinho, por efeito das interpretações, tornava conscientes os motivos do medo, apareciam recordações que estavam reprimidas, o que possibilitou reconstruir o caminho, desde a crise da angústia até o aparecimento da fobia. Muitas das recordações de Joãozinho são retificadas pelos pais, outras não; algumas são recordações encobridoras, cuja análise enriquece a reconstrução do passado. Mas, na maior parte, seus relatos são fantasias pré-conscientes ou mentiras que conscientemente formula, como se fossem acontecimentos presenciados por ele. Este último é o material mais valioso para compreender os acontecimentos que desencadearam a enfermidade e Freud o utiliza em grande medida.

Procuraremos expor o conteúdo das sessões não de acordo com a ordem em que aparecem no relato – para evitar repetições que dificultariam a compreensão do caso –, mas mostrando o gradual esclarecimento e transcrevendo os textos de Freud.

Cedo Joãozinho descobre que seu medo de ser mordido por um cavalo se relaciona com uma impressão recebida em Grunden. Escuta, numa ocasião, que o pai de uma de suas amigas – Lizzi – adverte-a do perigo de aproximar a mão à boca do cavalo, dizendo-lhe: “Não aproximes os dedos ao cavalo porque te morderá”. Quando Freud relata esta recordação de Joãozinho, assinala que a formulação verbal que ele coloca na boca do pai da amiga é a mesma que utilizavam os pais quando o ameaçaram pela masturbação.

---

15 Confrontar com o capítulo 5.

A neurose aparece vinculada a este acontecimento acidental e conservou sua marca na escolha do cavalo como objeto de angústia. Embora a esta impressão falte, em si, “energia traumática”, adquiriu-a por diversos fatores sublinhados por Freud: 1) a anterior significação do cavalo como objeto de preferência e interesse, como se deduz dos primeiros relatos sobre brinquedos realizados com amigos e com o pai, nos quais o cavalo tinha um papel importantíssimo; 2) a recordação de um acidente no qual seu amigo Frederico – um pouco mais velho que ele e facilmente identificável com seu pai – caiu e se machucou brincando de cavalo; 3) as proibições feitas nos mesmos termos para a masturbação de Joãozinho e à aproximação da amiga à boca dos cavalos; 4) sua união no tempo com tudo que estivesse relacionado com gravidez e parto da mãe, dado que aos três anos e meio, quando se produz a ameaça materna, nasce também a irmã.

“O material patogênico ficava transferido ao complexo do cavalo e transformados uniformemente em angústia todos os afetos concomitantes.”<sup>16</sup> Este processo teve ainda que sofrer uma nova deformação e substituição antes que a consciência tomasse conhecimento dele. O primeiro medo de Joãozinho de ser mordido por um cavalo procedia de outra cena, na qual a mãe ameaçava de cortar-lhe os genitais se continuasse com seus hábitos masturbatórios. A situação patológica permanece vinculada aos componentes instintivos sexuais rechaçados. “Trata-se, pois, de uma poderosa reação contra os escuros impulsos do movimento que tentam dirigir-se especialmente em direção à mãe. O cavalo foi sempre para Joãozinho um exemplo do prazer do movimento, mas como este prazer integra o impulso ao coito, fica restringido pela neurose, que erige também ao cavalo, na própria imagem do medo.”<sup>17</sup>

A fobia ao cavalo impede Joãozinho de sair de casa e facilita sua permanência ao lado da mãe, satisfazendo assim seus desejos possessivos, embora à custa de uma intensa repressão de seus desejos genitais.

A estes conflitos uniu-se a recordação de ansiedades relacionadas com o início do controle esfinteriano. Joãozinho vinculou o espernear do cavalo com seus próprios movimentos quando o obrigavam a abandonar seus brinquedos para ir defecar. Também é evidente que identificava o parto com a evacuação, explicando-se – por esta identificação – o medo ao espernear do cavalo. Ao medo de ser mordido havia-se unido o medo aos genitais da mãe, a lembrança da ameaça de castração que ela lhe fez e a advertência do pai de Lizzi – a amiga de Joãozinho que mencionamos antes – sobre os perigos que existiam na boca do cavalo.

Sabemos que na fobia os deslocamentos são múltiplos; em Joãozinho, o medo de ser mordido em seguida deslocou-se ao temor de que entrasse um cavalo em seu quarto, deslocamento que se explica, já que era este quarto o cenário da masturbação e das proibições.

---

16 FREUD, Sigmund. “Análisis de la fobia de un niño de cinco años”, tomo XV, *Historiales clínicos*, p.274.

17 FREUD, Sigmund. *Idem*, p.277.

Quando Freud assinala que o conflito era uma consequência às ameaças de castração da mãe justifica dizendo: “Mas devemos ter presente que em tudo isso a mãe não fazia mais que desempenhar um papel marcado pelo destino, extremamente espinhoso e comprometido”.<sup>18</sup> Apóia, assim, sua idéia de universalidade da angústia de castração e tenta defender a figura da mãe, atitude muito frequente em Freud. Hoje não podemos deixar de considerar que as ameaças da mãe incrementaram esta angústia em grau extremo, como também aumentaram a curiosidade de ver os genitais e levaram-no a uma masturbação compulsiva, no intuito de comprovar que as ameaças não se tinham realizado.

Com um critério que a experiência com crianças corroborou amplamente, Freud pensava que um esclarecimento adequado ajudaria a vencer a compulsão a ver os genitais da mãe, evitando a intensificação da angústia. A mentira inicial da mãe sobre a diferença de sexos, agregada à ameaça da castração, reforçou a compulsão de ver e tocar os genitais, sendo este incremento da angústia coadjuvante da somatização que durante dias o manteve em cama, com gripe. É de se supor que o fato de estar na cama com febre aumentou sua compulsão a masturbar-se, atividade que não somente era proibida, mas também assinalada como motivo de sua enfermidade, reforçando sua angústia de castração; a amigdalectomia atuou como fator desencadeante. Freud não valorizou o significado do ato cirúrgico como castração, mas hoje, depois de múltiplas experiências similares, resulta-nos muito evidente. Neste caso, como em muitos outros, a operação de amígdalas é vivida como advertência de que também pode realizar-se a tão temida castração. É importante esclarecer que é neste momento que Freud assinala, pela primeira vez, que os cavalos temidos eram os brancos: “Quando seu pai lhe diz que os cavalos não mordem, ele responde: Mas os cavalos brancos sim mordem. Em Grunden há um cavalo branco que morde. Quando a gente põe os dedos na frente dele, ele morde”. Freud anota também que o pai estranha que diga “os dedos” em vez de “mão”. Joãozinho conta: “Quando Lizzi foi embora havia na porta da sua casa um carro com um cavalo branco, para levar a bagagem à estação. O pai dela estava perto do cavalo e o cavalo virou a cabeça. Então o pai dela disse: Não toques com os dedos o cavalo branco, vai te morder”.<sup>19</sup>

Creio que está justificada nossa suposição de que o cavalo branco representa o cirurgião com o avental branco, realizando a tão temida castração, deslocada à garganta, e que ao falar dos dedos e não da mão tinha lugar também uma referência ao ato cirúrgico e ao instrumento de masturbação. Além disso, outra das características do animal temido era uma “coisa preta que levava na boca” e que resultou ser o buçal de couro. Penso que esta característica também encobria um elemento do trauma cirúrgico. É como se Joãozinho pensasse: “Se eu tivesse um buçal – boca fechada – não me operariam”, e ao mesmo tempo “me sentia amordaçado, como com um buçal, quando me operaram”. Por isso teme que o mordam os cavalos brancos ou que os que têm buçal lhe arranquem seus dedos.

18 FREUD, Sigmund. Idem, p. 167.

19 FREUD, Sigmund. Idem, p. 169.

Os pais relatam que as fantasias de Joãozinho nesta época eram a da girafa<sup>20</sup> e a de realizar atos proibidos que mereciam castigo.<sup>21</sup> Tudo leva a pensar que viveu a operação como castigo pela masturbação realizada com as fantasias edípicas subjacentes. Quando Joãozinho não quer ir ao consultório de Freud, os pais lhe mentem, prometendo que se aceitasse ir encontraria uma menina muito bonita na casa do professor. Esta atitude nos permite deduzir que também para a operação o levaram enganado.<sup>22</sup> Nesta primeira e única consulta, compreende que os dois detalhes do animal temido estão ligados ao bigode e aos óculos do pai e interpreta que o medo de Joãozinho ao cavalo motiva-se na sua intensa agressão ao pai e no temor de que ele se vingue e que estes sentimentos são a conseqüência dos seus desejos amorosos pela mãe. Depois desta visita começam as melhoras importantes, apesar de Joãozinho insistir, com muito bom sentido, que seu amor e seu medo pelo pai coexistiam. Esta verdade é descoberta por Freud mais tarde em *Inibição, sintoma e angústia*.<sup>23</sup> Até aquele momento limitava-se a dizer: “Sabemos que esta parte do medo de Joãozinho tem dois aspectos: medo do pai e medo pelo pai. O primeiro provém da hostilidade e o segundo do conflito com o carinho que sente por ele”,<sup>24</sup> descrevendo assim as ansiedades paranóides e depressivas e sua origem.

Nesta parte do caso, Freud interpreta um projeto de jogo de Joãozinho, consistente em carregar e descarregar, descobrindo que, por uma relação simbólica substitutiva, é possível que um mesmo jogo represente o processo do parto e o da defecação. Esta interpretação confirma-se posteriormente, quando, nos seus jogos com um boneco, utiliza os mesmos símbolos para representar o que significam para ele as duas situações.

Duas de suas recordações – 1) a do espernear como protesto quando queriam forçá-lo a defecar e 2) a de ter visto a mãe quando evacuava – condensam-se e deslocam-se à figura do cavalo, tornando específicas as situações de maior temor.

“Joãozinho sempre sofreu de uma constipação pertinaz que nos obrigou ao uso de laxantes e enemas.”<sup>25</sup> Agrega-se a isto o fato de que tenha observado “sua mãe no momento da defecação”.<sup>26</sup>

Isto favoreceu a equiparação do parto da mãe com o espernear durante a defecação, com todos os seus incômodos: “Segundo as indicações que suas sensações lhe proporcionaram, concluiu que devia tratar-se de uma violência contra a mãe, de um desgarramento, de uma penetração num espaço fechado, atos para cuja execução sentia em si o impulso”.<sup>27</sup>

---

20 FREUD, Sigmund. Idem, p. 176.

21 FREUD, Sigmund. Idem, p. 180.

22 FREUD, Sigmund. Idem, p. 172.

23 FREUD, Sigmund. *Inhibición, sintoma y angustia*, tomo XI, p.24.

24 FREUD, Sigmund. “Análisis de la fobia de un niño de cinco años”, tomo XV, *Historiales clínicos*, p. 184.

25 FREUD, Sigmund. Idem, p. 195.

26 FREUD, Sigmund. Idem, p. 197.

27 FREUD, Sigmund. Idem, p. 272.

Freud pensava que, partindo de suas sensações genitais, Joãozinho chegaria a descobrir a vagina,<sup>28</sup> mas não lhe foi possível, pela confusão criada pela mãe ao afirmar-lhe que não existia diferença de sexos. Esta observação contradizia o que sentia no seu corpo e descobria nas suas contínuas observações. A recordação de sua mãe exibindo-se enquanto defecava ligou-se em Joãozinho à memória de jogos exibicionistas com as amigas. Joãozinho contou que as amigas queriam vê-lo quando ele fazia pipi e que também ele as olhava.<sup>29</sup> Estas recordações estão unidas às proibições que acompanharam as duas oportunidades.

Freud assinala que a esta altura do tratamento Joãozinho se apodera ousadamente da direção da análise e, como os pais atrasam as explicações que lhe deveriam ter dado há muito tempo, comunica-lhes, mediante seus jogos com um boneco, como se representa o nascimento. Com este jogo elabora o processo da evacuação e perda de uma parte de si mesmo,<sup>30</sup> significando a realização da tão temida ameaça de perder o genital. A cirurgia – prova da realidade de que lhe tiram parte do seu corpo – transformou um temor fantasiado em realidade, possibilitando-lhe a associação entre a perda da matéria fecal e a perda do pênis e ligando-o com o nascimento como produto da união genital.

O maior interesse deste caso, considerando-o como ponto de partida da técnica de psicanálise de crianças, é o de mostrar a eficácia das interpretações e as suas conseqüências.

Hoje, aplicando a técnica de jogo, vemos que a criança expressa com os brinquedos os mesmos conflitos e os interpretamos do mesmo modo.

Analisando jogos, fantasias e sonhos, Freud estudou as diferentes formas simbólicas com que o menino representou o corpo da mãe e seus conteúdos: uma banheira, um ônibus, um carro de mudanças, nos quais o denominador comum era serem continentes cheios de conteúdo ou algo capaz de ter dentro coisas menores e pesadas, como um ventre que aloja uma criança que depois cresce e pesa. Posteriormente estendeu este significado ao processo da evacuação. Um dos fragmentos mais apaixonantes do relato é o do entendimento e da descrição detalhada que Joãozinho nos oferece sobre a vida da irmã no ventre da mãe e a conclusão de Freud sobre a evidência deste conhecimento no menino. Joãozinho diz: “Passou todo o tempo correndo e sem mover-se nunca. Bebeu duas jarras grandes de café. De manhã não sobrava nada. Deixou toda a sujeira na gaveta, bem como as folhas dos rabanetes e a faca para cortá-los. Depois limpou tudo muito rapidamente. Em um minuto. Com muita pressa.”<sup>31</sup>

Freud descobriu que uma criança de três anos percebia a gravidez e tinha sua própria concepção de como se desenvolve um filho na mãe: “E agora nos traz João-

---

28 O que está totalmente de acordo com a minha idéia da fase genital prévia e seu significado. Confrontar com capítulo 4.

29 FREUD, Sigmund. Obra citada, p.201.

30 FREUD, Sigmund. Idem, p.224.

31 FREUD, Sigmund. Idem, p.217.

zinho uma surpresa, para a qual não estamos, certamente, preparados. Tendo três anos e meio, observou a gravidez da mãe, que culminou com o nascimento da pequena e, depois do parto, se não antes, reconstruiu todo o processo, embora sem exteriorizá-lo e, talvez, sem poder exteriorizá-lo”.<sup>32</sup>

O processo de carga e descarga, simbolismo do parto, aparece equiparado ao da execução intestinal. O começo da fobia, constituída pelo medo que o cavalo esperneasse e caísse, estava vinculado aos seus esperneios infantis quando o forçavam a defecar e ao deslocamento deste medo ao processo do parto. É evidente que o menino tinha conhecimento do que é a vida intrauterina quando descreve que a irmã viajava numa caixa fechada, onde corria e fazia suas necessidades, e do qual não podia sair, localizando esta viagem num veraneio durante o qual sua mãe estava grávida de seis meses. Hoje sabemos, pela experiência de numerosas análises de crianças, que a gravidez da mãe é percebida desde o primeiro momento, fato expresso através dos jogos, confirmando-se assim o que Freud observou. Quando Joãozinho tenta elaborar o problema da diferença de sexos, da diferença entre adultos e crianças e do temor ao pai como rival no amor da mãe, expressou-se pela fantasia na qual uma girafa grande e outra pequena simbolizavam a diferença de sexos. Ele se personificava na que tomava posse da pequena – a mãe –, sentando-se sobre ela e despertando raiva na girafa grande – o pai, interpretando Freud que a diferença de tamanho das duas girafas simbolizava a diferença de sexos. Também neste ponto a experiência posterior confirma a interpretação de Freud. Numa série de fantasias nas quais Joãozinho descreve coisas proibidas ou castigadas, como saltar cercas ou quebrar vidros, Freud interpreta o desejo incestuoso e o castigo por ele.

Em outra de suas fantasias, um encanador, munido de uma chave de fenda, remove “a coisinha”, dando-lhe uma grande.<sup>33</sup> Na primeira parte desta fantasia, repete, quase sem deformação, a situação traumática da ameaça de castração feita pela mãe e sua segunda parte mostra a modificação conseguida pelo tratamento, quando recebe, do pai, a potência. Segundo Freud, esta feliz elaboração do complexo de Édipo foi possível pelas interpretações anteriores e explica o desaparecimento da fobia.

Se hoje escrevêssemos a história de Joãozinho nos preocuparíamos em conhecer muitos detalhes que fizeram compreensível sua evolução, mas como Freud estava especialmente interessado em estudar a influência dos traumas sexuais na etiologia das neuroses e na fobia, dava especial importância aos traumas da fase fálica; compreende-se que a maior parte das informações que nos dá referem-se a esta época da vida.

O tratamento não foi realizado na forma habitual em psicanálise. Freud viu somente uma vez o pequeno paciente, e o tratamento – apesar de estar sob sua supervisão – esteve a cargo do pai da criança, pessoa conhecedora dos descobrimentos de Freud; por isso não pode servir como modelo técnico no que se refere à inter-

32 FREUD, Sigmund. Idem, p. 267.

33 FREUD, Sigmund. Idem, p. 238.

pretação e uso da transferência. Muitos de seus descobrimentos – alguns apenas esboçados – abriram o caminho em direção a uma técnica que permitisse entender e interpretar a linguagem pré-verbal. A experiência mostrava que a criança, embora impossibilitada de expressar-se totalmente com palavras, era capaz de entender o que lhe era dito pelo adulto. De modo que, compreendendo o significado latente dos seus jogos, desenhos, sonhos, sonhos diurnos e associações, a interpretação seria tão eficaz como o era no tratamento de adultos. Faltava comprovar se a criança, como o adulto, era capaz de estabelecer com o terapeuta um vínculo transferencial: esta contribuição foi dada pelos psicanalistas de crianças.

Substituída a associação livre pela linguagem pré-verbal, provada a capacidade da criança de compreender a interpretação e de estabelecer uma transferência com o terapeuta, estavam cumpridas as premissas necessárias para falar-se numa técnica de psicanálise de crianças similar à existente para a psicanálise de adultos.

Os contínuos progressos desta técnica, cujo nascimento exporemos no próximo capítulo, possibilitaram: 1) a análise de crianças muito pequenas, a partir de quinze meses de idade; 2) a ampliação cada vez maior dos casos que se tratavam com êxito, entre eles as enfermidades psicossomáticas, como úlcera, *colite ulcerosa*, asma, eczema e acetonemia; 3) a profilaxia de enfermidades futuras, mediante a orientação psicanalítica do lactante, como consequência do progresso no conhecimento da evolução da criança.